

DIREITO:



Uma autêntica e genuína
ciência autônoma

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS
(ORGANIZADOR)


Ano 2021

DIREITO:



Uma autêntica e genuína
ciência autônoma

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS
(ORGANIZADOR)

 **Atena**
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Direito: uma autêntica e genuína ciência autônoma

Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Flávia Roberta Barão
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D598 Direito: uma autêntica e genuína ciência autônoma /
Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. –
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-544-7
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.447210110>

1. Direito. 2. Leis. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner
Sousa de (Organizador). II. Título.

CDD 340

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Em **DIREITO: UMA AUTÊNTICA E GENUÍNA CIÊNCIA AUTÔNOMA**, coletânea de quinze capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área do Direito a partir de uma ótica que contempla as mais vastas questões da sociedade.

Temos, no presente volume, três grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos em direitos humanos, direito constitucional e políticas públicas; estudos em criminologia e direito penal; além de estudos sobre justiça.

Estudos em direitos humanos, direito constitucional e políticas públicas traz análises sobre direitos humanos, democracia, déficit democrático, constitucionalismo latino-americano, acesso à justiça, liberdade religiosa, livre concorrência, desigualdade, direitos sociais, políticas públicas, cota racial e mulheres.

Em estudos em criminologia e direito penal são verificadas contribuições que versam sobre culpabilidade, tribunal do júri, crime e sonegação fiscal.

No terceiro momento, estudos sobre justiça, temos leituras sobre acesso à justiça, cárcere e mediação judicial.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

DIREITOS HUMANOS COMO PEDRA ANGULAR DA DEMOCRACIA

Luis Guilherme Costa Berti

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4472101101>

CAPÍTULO 2..... 14

A DESPOLITIZAÇÃO DA ESFERA PÚBLICA COMO GÊNESE DA PÓS-POLÍTICA: UMA ANÁLISE DA RACIONALIDADE NEOLIBERAL NO CONTEXTO DO DÉFICIT DEMOCRÁTICO EM MOUFFE

Letícia Bauman Novaes

Daniel Capecchi Nunes

Fernanda Fagundes Veloso Lana

Cynara Silde Mesquita Veloso

Gabriel Huguenin Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4472101102>

CAPÍTULO 3..... 26

CONSTITUCIONALISMO LATINO-AMERICANO: ORIGENS E DESDOBRAMENTOS

Alexandre Almeida Rocha

Paulo César de Lara

Lúcia Helena Borszcz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4472101103>

CAPÍTULO 4..... 43

UMA ANÁLISE DA CONCRETIZAÇÃO DO DIREITO FUNDAMENTAL AO ACESSO À JUSTIÇA DOS IMIGRANTES VENEZUELANOS NO BRASIL

Davi José da Silva Campagnolli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4472101104>

CAPÍTULO 5..... 61

LIBERDADE RELIGIOSA E DISCURSO DE ÓDIO: (RE) LEITURA NECESSÁRIA

Diego dos Reis Braga

Rafaella Marineli Lopes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4472101105>

CAPÍTULO 6..... 68

A VERTICALIZAÇÃO DA REVENDA DE COMBUSTÍVEIS E A LIVRE CONCORRÊNCIA

Claudia Gattermann Perin Pollo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4472101106>

CAPÍTULO 7..... 80

DESIGUALDADE: REALIDADE OU FICÇÃO? SÉRIE BRASILEIRA 3% A LUZ DA RACIONALIDADE EM MAX WEBER E DO DISCURSO RACIONAL EM JÜRGEN HABERMAS

Wellington Martins da Silva

Felipe Nadr El Rafihi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4472101107>

CAPÍTULO 8..... 96

OS REFLEXOS DA JUDICIALIZAÇÃO DOS DIREITOS SOCIAIS E DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO

Luis Fernando Corá Martins

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4472101108>

CAPÍTULO 9..... 107

CONSIDERAÇÕES SOBRE A COTA RACIAL PREVISTA NA LEI Nº 12.990/2014

Márcio Augusto Silva Conceição

Maurílio Casas Maia

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4472101109>

CAPÍTULO 10..... 120

OS SABERES DA FLORESTA VIRANDO FULIGEM: SERIAM AS PARTEIRAS BENANDANTI?

Maria Edinalva Sousa de Lima

Lílian Regina Furtado Braga

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.44721011010>

CAPÍTULO 11..... 134

A CULPABILIDADE À LUZ DA CRIMINOLOGIA CRÍTICA

Edson Mario Rosa Júnior

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.44721011011>

CAPÍTULO 12..... 140

O TRIBUNAL DO JÚRI SOB A ÓTICA DO DIREITO COMPARADO

Andressa Rangel Dinallo

Samara Monayari Magalhães Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.44721011012>

CAPÍTULO 13..... 157

A ILEGITIMIDADE DA EXTINÇÃO DA PUNIBILIDADE PELO PAGAMENTO DO TRIBUTO NO CRIME DE SONEGAÇÃO FISCAL

Beatriz Ribeiro Lopes Barbon

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.44721011013>

CAPÍTULO 14..... 170

A CATEGORIA “ACESSO À JUSTIÇA” NO CÁRCERE

Jiulia Estela Heling

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.44721011014>

CAPÍTULO 15.....	179
O PERFIL DO MEDIADOR JUDICIAL PIAUIENSE: UMA ANÁLISE DOCUMENTAL A PARTIR DO REPOSITÓRIO DE MEDIADORES JUDICIAIS DO CNJ	
Anne Heracléia de Brito e Silva	
Fabiana Ferreira dos Santos	
Rogério Monteles da Costa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.44721011015	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	192
ÍNDICE REMISSIVO.....	193

OS SABERES DA FLORESTA VIRANDO FULIGEM: SERIAM AS PARTEIRAS BENANDANTI?

Data de aceite: 21/09/2021

Data de submissão: 06/07/2021

Maria Edinalva Sousa de Lima

Mestranda do PPGSC/UFOPA
Santarém - Pará

<http://lattes.cnpq.br/8763045486724314>

Lílian Regina Furtado Braga

Mestranda PPGSD/UFF
Santarém - Pará

<http://lattes.cnpq.br/7662797308740624>

RESUMO: Este trabalho, utilizando-se de revisão bibliográfica, tem por objetivo revisitar as práticas das parteiras da Amazônia, mulheres da floresta e das águas portadoras e reprodutoras de saberes de cura, aparadoras da nova vida nos quilombos, aldeias indígenas, comunidades ribeirinhas, conectando-as ao conjunto de práticas desenvolvidas por mulheres relatadas pelo historiador Carlo Guinzburg, em *Andarilhos do Bem*, *História Noturna* e *O Queijo e os Vermes*, no contexto da inquisição promovida pela Igreja Católica. Coleciona relatos dos processos e acontecimentos envolvendo aqueles que foram identificados em práticas consideradas de feitiçarias e por estas práticas eram condenados à fogueira. São apresentados os Benandanti, que eram homens, mulheres e duendes que em noites de lua cheia saíam para batalhas noturnas. Havia um culto agrário, culto da fertilidade da terra, que no relato das três obras de Carlo Guinzburg serão catalogados como as práticas

do Saba, em ritos de judeus, mulçumanos, bruxas, hereges etc. Entrelaçam-se as histórias destas mulheres bruxas e das parteiras de comunidades do interior da Amazônia, revelando uma ordenação de saberes, uma riqueza de detalhes, procedimentos, tempos, registros orais de uma hierarquia de fazeres, envolto nos mistérios ancestrais, espirituais, que inquietam como na inquisição, a resistência e a simplicidade da vida das famílias das comunidades ribeirinhas que tanto em tempos de *inquisição* quanto em tempos de *higienização*, tiveram estes saberes questionados, confrontado pelo conhecimento acadêmico que se articula nas atividades das políticas públicas de Estado e entra nas comunidades de forma invasiva, fundamentado na desconfiança que os mistérios ancestrais carregam e as relações sobrenaturais travadas por estas mulheres. Engedram no seu ofício de partejar conhecimentos biomédicos, utilização da ferramenta medicamentosa alopática e vão sendo transformadas em cinza as práticas ancestrais, tornando fuligem os conhecimentos tradicionais.

PALAVRAS - CHAVE: Mulheres bruxas. Mulheres parteiras. Políticas Públicas. Tradicionalidade.

THE KNOWLEDGE OF THE FOREST TURNING SOOT: WOULD BE THE BENANDANTI MIDWIVES?

ABSTRACT: This essay, using a literature review, aims to revisit the practices of midwives in the Amazon, women of the forest and the waters, bearers and reproducers of healing knowledge, providers of new life in quilombos, indigenous villages, and riverside communities, connecting

them to the set of practices developed by women reported by historian Carlo Guinzburg, in *Andarilhos do Bem*, *História Noturna* and *O Queijo e os Vermes*, in the context of the inquisition promoted by the Catholic Church. He collects accounts of the processes and events involving those who were identified in practices considered witchcraft and for these practices were condemned to be burned at the stake. The Benandanti, who were men, women, and elves who, on full moon nights, would go out to fight nightly battles, are introduced. There was an agrarian cult, a cult of the fertility of the earth, which in the account of Carlo Guinzburg's three works will be catalogued as the practices of the Saba, in rites of Jews, Muslims, witches, heretics, etc. The stories of these witches and the midwives from communities in the interior of the Amazon are intertwined, revealing an ordering of knowledge, a wealth of details, procedures, times, oral records of a hierarchy of deeds, wrapped in ancestral, spiritual mysteries that disturb, as in the inquisition, The resistance and simplicity of life of the families from the riverside communities that both in times of inquisition and in times of hygienization, had this knowledge questioned, confronted by academic knowledge that is articulated in the activities of public policies of the State and enters the communities in an invasive way, based on the distrust that the ancestral mysteries carry and the supernatural relationships that these women have. They engage in their craft of midwifery with biomedical knowledge, using the allopathic medicine tool, and the ancestral practices are being transformed into ashes, turning traditional knowledge into soot.

KEYWORDS: Women witches. Women midwives. Public policies. Traditionality.

1 | INTRODUÇÃO

Através das obras *Andarilhos do Bem*, *História Noturna* e *O Queijo e os Vermes*, do historiador italiano Carlo Guinzburg foi possível fazer uma imersão nesses textos, ao mesmo tempo que se pôde fazer um resgate de histórias e práticas que marcaram e ainda marcam a vida de muitos povos que vivem e utilizam saberes tradicionais.

O contexto das obras de Carlo Ginzburg é a inquisição promovida pela Igreja Católica e seus relatos dizem dos processos e acontecimentos envolvendo aqueles que foram identificados em práticas consideradas feitiçarias.

O *Queijo e os vermes* revela Menocchio, um moleiro de Friuli, na Itália e que em virtude das idéias heréticas que cultivava, o levaram a dois processos perante os tribunais da inquisição. A descrição feita por Guinzburg do universo deste moleiro, indicam sua enorme perspicácia nas proposições de uma sociedade mais justa e que nos seus sequenciais interrogatórios confronta-se aos juízes inquisidores, em meio a uma reforma protestante.

Havia também conflitos estabelecidos no Friuli e as falas de Menocchio ecoavam em meio as disputas políticas e religiosas. Mas o que um moleiro como Menocchio saberia sobre esse emaranhado de contradições políticas, sociais e econômicas? Qual a imagem que construiria para si da enorme jogo de forças que, silenciosamente, condicionava sua existência? (GUINZBURG, 2006).

Menocchio, desdobrando sua teoria do leite fala do surgimento do queijo e dos vermes e questiona a partir de então as grandes crenças da igreja católica. Essa cosmogonia de Menocchio acaba levando-o a morte, morte de fogueira.

Andarilhos do Bem apresenta os Benandanti através dos processos do tribunal do Santo Ofício. Desde o seu nascimento já indicava que eles eram pessoas especiais pois nasciam empelicados, e a partir de seu nascimento uma série de acontecimentos e procedimentos se faziam até que se tornasse adulto para poder fazer parte das lutas contra os maleandanti, bruxas, feiticeiros, com o objetivo de se ter ao final de cada batalha que as colheitas fossem boas.

Havia entre os Benandanti homens, mulheres, duendes e estes em noites de lua cheia saiam para lutar onde se revelavam nestas batalhas o culto agrário, culto da fertilidade da terra. Eram batalhas espirituais. Os Benandanti lutavam com ramos de erva doce e os Maleandanti com caules de sorgo. Interessante destacar a participação das mulheres nos relatos do historiador italiano, nas cavalgadas noturnas, deixando seus corpos para pôr-se a cavalgar.

História Noturna propõe-se a decifrar o Sabá, em relatos que se entrelaçam em ritos de judeus, mulçumanos, bruxas, hereges etc.

A convergência destes relatos entrelaçam-se com os relatos das parteiras amazônicas.

As práticas destas mulheres, das comunidades do interior da Amazônia, revelam uma ordenação de saberes, uma riqueza de detalhes, procedimentos, tempos, registros orais de uma hierarquia de fazeres, envolto nos mistérios ancestrais, espirituais, que inquietam como na inquisição, a resistência e a simplicidade da vida das famílias das comunidades ribeirinhas.

Há uma hierarquização nesta distribuição de saberes:

"Meu dom não é daqui, vem de muito longe, por isso sei benzê pra tudo que é doença, costuro rasgadura e sei onde tá rasgado [Como a senhora sabe?] Só de aparpar o lugar sei qual o mal que tá ali. Daí, vou fazendo o que sei, passo um azeite de andiroba e as mão vão fazendo o serviço, que quem tem dom não carece de muita coisa. [Além de pegar desmentidura a senhora também sente os bichos do fundo?] Sinto, não, eu vejo falo e sou filha de cura deles [Nossa que legal! Então a senhora já foi na cidade do fundo?] Eu já fui e vô diversas vezes, mas a primeira foi em sonho. Era bem pequena, mas já sabia que seria curadora" (CORDEIRO, 2017. p.16).

A prática realizada pelas parteiras, bem como por benzedeiros, curandeiras e pajés, são saberes tradicionais acumulados ao longo do tempo, repassados pelos mais velhos, que transmitem esses saberes como uma forma de repassar o legado de conhecimentos e de preservar os segredos que são guardados por várias gerações. Além de dar continuidade às práticas curativas, é uma maneira de garantir alternativas de tratamento das doenças dentro das comunidades não alcançadas pelas políticas de saúde pública.

Segundo BRENES (1991), as parteiras tradicionais, também conhecidas como aparadeiras, eram tradicionalmente as responsáveis pelos partos e todos os devidos cuidados que envolviam esse evento, desde o período de gestação, parto, puerpério e até

mesmo o cuidado com o recém-nascido, devido estas serem dotadas de conhecimento empírico e tradicional.

Saberes construídos e testados, pois está na base da vida das comunidades da Amazônia.

“As jovenzinhas, com talvez até meia dúzia de partos realizados, eram também chamadas de parteiras verdes ou novas. Era o caso de Julieta, Nininha e Sandra, que não tinham ainda 40 anos e nem eram tratadas como senhora ou dona. As jovenzinhas tinham menos experiência obstétrica e, portanto, sabiam menos, como explicou D. Dandara: “A parteira nova não decifra onde tá todo os ingredientes da criança”. Dizia-se que a jovenzinha, ao puxar uma buchuda, não seria capaz de identificar, por exemplo, tamanho, sexo, posição do feto. Puxar, essa massagem abdominal tão comum em toda região amazônica⁶⁵, era uma forma de saber fundamental para qualificar a atuação de uma parteira, para que ela pudesse identificar e prevenir um aperreio, uma dificuldade extrema em termos obstétricos.” (FLEISCHER, 2011. p, 3-4)

Porém, este conhecimento tradicional tem sido confrontado pelo conhecimento acadêmico que se articula nas atividades das políticas públicas de Estado e entra nas comunidades de forma invasiva, fundamentado na desconfiança que os mistérios ancestrais carregam e as relações sobrenaturais travadas por estas mulheres, propõe como pseudo possibilidade de sobrevivência, valorização e convivência harmônica dos fazeres dessas mulheres, incluindo-as nas capacitações de saúde, engedrando no seu ofício conhecimentos biomédicos, utilização da ferramenta medicamentosa alopática e transformando em cinza as práticas ancestrais.

2 I A HISTÓRIA DAS MULHERES RETRATADAS POR CARLO GUINZBURG

As mulheres nas obras de Carlo Ginzburg, participam ativamente dos desvelamento dos rituais do Sabá. Esse ritual é o alvo do Santo Ofício e a causa da morte de muitos que interpelados, informavam ter participado de algumas das práticas que compunha este ritual.

As confissões que chegaram até os inquisidores, diziam respeito das mais diversas práticas que envolvem a saúde física e mental das pessoas. Algumas destas identificadas como se estivessem enfeitadas:

“vão ora a um campo, ora a outro , ora ao de Gradisca, até ao de Verona, e reúnem-se para combates e divertimentos; e o homens e mulheres que fazem o mal carregam e usam caules de sorgo que nascem nas hortas e os homens e mulheres benandanti usam caule de erva doce , e vão ora um dia, ora outro, mas sempre na quinta-feira, e quando fazem as grandes exibições, vão para grandes campos, havendo dias fixos para isso, e os feiticeiros e as feiticeiras quando partem, vão fazer o mal, e é preciso que sejam seguidos pelos benandanti, para impedi-los; e, quando entram nas casas, se não encontram água limpa nos baldes, vão as adegas e estragam o vinho com certas coisas que enfiam pelas aberturas dos recipientes” (GUINZBURG, 1988. P,21).

O destaque que se faz as práticas femininas é que estas estavam inseridas em práticas de cura, colacionadas aos saberes locais e que dialogavam com o sobrenatural, que naquele contexto que reforma protestante é o fio da navalha ou a faísca para o silenciamento necessário às provocações que estas mulheres, em suas atividades geravam no meio da comunidade, ou ainda, reações a crises de doenças mentais ainda não conhecidas, com a esquizofrenia e a epilepsia.

Os sonhos revelam a estes homens e mulheres o universo de aprendizado e do chamado que lhe foi feito quando este nasceu empelicado e que isto lhe revelaria uma obrigação ou um dom especial:

“Apareceu-me uma certa coisa invisível, em sonho, a qual tinha a forma de um homem; parecia que eu dormia e não dormi, e parecia que fosse alguém de Trivignano; porque eu tinha no pescoço, aquele pelico no qual nasci parecia dizer-me: ‘tu tens de vir comigo, porque possuis uma das minhas coisas’”¹

Em vários fragmentos de GUINZBURG se observam mulheres sendo indicadas como alvo de processos do Santo Ofício e sendo condenadas à fogueira.

“uma mulher Maria Panzona, processada inicialmente em latisana e, depois em Veneza, pelo Santo Ofício, em 1618-9, - sofria de fato do grande mal, isto é, epilepsia... a natureza das catalepsias dos benandanti, permanece obscura.”²

“Esse estado de perda de sensibilidade, comum tanto as bruxas como aos benandanti, é interpretado como uma separação do espírito do corpo... uma mulher condenada a fogueira em 1571... declara: ‘fui ao Sabá, mas não pessoalmente, e sim em espírito, deixando o corpo em sua casa’”³

“A alma que abandona o corpo para tomar parte nos encontros das bruxas ou no combate dos benandanti é vista em ambos os casos como algo muito real, algo tangível: um animal”⁴

“Oriente ensina aos membros da sociedade as utilidades das ervas (virtutes herbarum), remédios para curar as doenças, o modo de encontrar as coisas roubadas e afastar os malefícios. Mas devem guardar segredo sobre todas essas coisas.”⁵

Ungentos com misturas que provocavam alucinações ou torpor, ofícios revelados em sonhos, deslocamentos em transposições espirituais, incorporações animais, são itens de similaridade aos processos vividos pelas mulheres que se preparam para partejar na Amazônia.

1 Idem, p. 31.

2 Idem, p. 38

3 Idem, p. 18

4 Idem, p. 39

5 Guinzburg, Carlo. História Noturna: decifrando Sabá, p. 65

3 I ASPARTEIRAS E SEUS CHÁS, PRECES E MANOBRAS DE ENCANTAMENTO

Parteiras são mulheres que desde cedo aprendem o ofício do partejar, seja por experiência própria ou através do ensinamento repassado pelas mães, avós ou outras parteiras. Elas dão assistência às grávidas durante o parto, e até mesmo na gestação e no pós parto. São muito importantes, principalmente em localidades onde não há acesso a médicos e nem a hospitais.

Ao longo dos anos, os rituais que cercam o evento do nascimento foram se modificando, deixando de ser um evento que fazia parte do cotidiano familiar, em que era acompanhado por mulheres parteiras, marcado por envolvimento afetivo, que permitia à natureza agir a seu tempo, dando lugar às técnicas e à ciência, (ACKER, ANNONI, CARRENO, HAHN, MEDEIROS, 2006, p, 647.)

Ainda hoje as populações tradicionais procuram conservar sua cultura, ritos e tradições, até como uma forma de preservação da sua identidade. LUCIANO (2006, p, 41) afirma que para esses povos, a prioridade é fortalecer a identidade e promover a valorização e a continuidade de suas culturas, de suas tradições e de seus saberes.

A prática de saberes tradicionais é a adoção de conhecimentos, experiências e saberes que se materializam através chás, rezas, dentre outras ações que utilizam plantas medicinais e de extratos advindos de animais silvestres a fim de que possibilitem a cura e/ou a saúde da comunidade. Tais práticas, são realizadas por rezadeiras/rezadores, benzedeiras/benedores, parteiras/os, puxadores de ossos e de desmentiduras, costuradores de rasgaduras, pajelança, (HAURADOU; OLIVEIRA, 2017, p, 271).

Contar com a presença de parteira tradicional nas comunidades no interior da Amazônia, é fundamental para que o evento do parto seja um momento cercado de confiança, respeito, solidariedade e afeto. E trazer o descanso para as mulheres grávidas é o grande ofício das parteiras.

“Dona Ana, a senhora que veio me puxá, é conhecida lá do interiô da mamãe. Como tava muito dolorida, não queria deixá que ela me puxasse, mas aí ela me explicô que se não fizesse isso, meu corpo ia ficá todo aberto e não ia tê saúde. Assim, assim que ela ia, ia, puxando, minhas juntas iam, iam, iam paresque (parece que) que se ajuntando (se ajustando), e a dô nas cadeira passando, que dói muito, sabe? Parece que aquele peso nas cadeira da gente muito grande vai sumindo. A minha mãe do corpo tava muito em cima, mas ela colocô no lугá e depois da massage foi a primeira noite que dormi bem. (Kelen, 16 anos, em 06/06/2015), (CORDEIRO, 2017, p. 178.

Como se faz uma parteira? Há relatos que umas se fizeram pelo ensinar de suas avós, suas mães, madrinhas e eram escolhidas por elas para seguir o divino ofício de fazer vir ao mundo nova vida. Outras contam que se fizeram sozinhas, em meio a uma urgência em atender uma mulher desvalida em dores insondáveis de parto, e a necessidade e intuição lhe fez aprender o ofício de partejar.

Porém, entre cada uma dessas mulheres e em especial das mulheres parteiras da

Amazônia há uma referência grave, forte com as forças da natureza, com os remédios de cura da floresta e o respeito à ancestralidade que constitui os ritos dos partos em comunidades ribeirinhas, quilombos e aldeias indígenas.

Parto é um rito.

Há crenças em encantados nas comunidades ribeirinhas da Amazônia. Seres com poderes sobrenaturais com os quais essas populações mantêm uma relação de ambivalência. Assim como *eles* podem curar diversos processos de adoecimento também podem causar males contra os quais a *medicina dos brancos* não tem remédio. Muitos(as) moradores(as) de comunidades e cidades distribuídas ao longo do rio Amazonas asseguram que os *encantados* moram na *cidade do fundo* ou *encante* cuja localização exata não podem determinar, mas asseveram que há, em diferentes pontos da topografia amazônica, portais de acesso a esse cosmo (CORDEIRO, p. 63-64).

Observam-se relações sobrenaturais, envoltas nos mistérios das transposições da natureza humana a dos seres encantados, pois são eles que ensinam os saberes de cura aos(às) curadores(as) sacacas e indicam as regras diplomáticas que regem a relação entre eles e os/as gente de cima. Cabe aos(às) curadores(as) a função de diagnosticar os processos de adoecimento, quando causados pela quebra dessas regras, por não cumprimento dos ritos de cura e de construção dos corpos dos(as) recém nascidos(as) ou ainda por atos de judiaria ou aborrecimento, categorias nativas para denominar doenças resultantes de ataques de feitiçaria (CORDEIRO, p. 64).

As parteiras estão no dia-a-dia de suas comunidades e são reconhecidas pelos seus fazeres. Elas estão nas atividades domésticas, cuidando da família, nos puxiruns do roçado, nas reuniões da associação comunitária, nas rodas de conversas de vizinhos. Nestes cenários as trocas dos saberes de cura se dão. Nestas vivências identificam-se e revelam-se as mulheres que aprenderam a partejar e dominam os conhecimentos dos chás, comidas e rezas. Constituindo uma cartografia mais precisa do que ainda resiste/persiste de antigas crenças, ritos e de outras marcas da “arqueologia do saber” (CORDEIRO, p.2).

No filme *Mensageiras da Luz*⁶, há relatos de que quando a criança está fora do lugar a parteira o coloca no seu lugar, pronto para nascer: “Vira sim senhor. Quem não sabe, não vira.”

É o desafio que estas mulheres propõe ao conhecimento formal biomédico, tornando esta atividade um processo longo de preparação e espera, que desvelam cuidados que começam muito antes da hora do parto e que seguem até quarenta dias após o nascimento da criança.

Para as práticas de cura há muitos cuidados a serem tomados. Cada *curador* ou *curadeira cuida* do seu local de acordo com as indicações dos guias. Esses cuidados, geralmente, de responsabilidade dos ajudantes do(a) *curador(a)* (membros da família ou

6 Filme *Mensageiras da Luz* – produzido em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo e Ministério da Cultura – documentários inéditos do concurso nº 08, 2001.

médiuns em desenvolvimento), incluem varrer o chão e limpá-lo com sal grosso, defumar com pimenta ou ervas perfumadas ou *fede* (termo usado no mesmo sentido de ‘fedorentas’) todo o ambiente; perfumar as *espadas* e as imagens dos santos com lavandas/perfumes cujo aroma agrade cada guia; mergulhar esse ou aquele objeto ou imagem em substâncias específicas, como em bacias com sal, água de cachoeira, igarapé ou da chuva; em porções e tipos diferentes de sal ou areia. Tudo em dias e horários específicos (CORDEIRO, p. 123). As parteiras se preparam para a hora da criança.

Enquanto isso chás e banhos preparam o corpo da mulher a para *hora bendita*. Com as mãos que apalpa a barriga e sentem a criança, vai se desenhando o aprendizado, pois cada parto é diferente. Há partos que são rápidos, outros demoram horas para se concluir, há partos difíceis de se fazer e estas mãos descrevem, ao toque, as possibilidades que a mulher terá.

Há um processo de diálogo da parteira com a criança que vai nascer⁷, como se tivessem tecendo um acordo para sua vinda.

Algumas parteiras sabem rezar. Ofício que se agrega na atividade de trazer uma criança à luz.

Em Pajés, Benzedores, Puxadores e Parteiras: os imprescindíveis sacerdotes do povo na Amazônia⁸, os benzedores são pessoas que possuem o *dom da cura*, como os pajés, e no interior da Amazônia eles conhecem bem a ação dos *encantados*, mas seu trabalho é com *oração* ou *reza*, sem *incorporação*.

CORDEIRO ao resgatar os primeiros registros sobre as práticas populares de cura na Amazônia cita estudos de VERÍSSIMO em As populações indígenas e mestiças da Amazônia: sua linguagem, suas crenças e seus costumes:

“ajudado pela rudeza dessa gente, [o pajé] sobreviveu ao deus de quem o quisesse fazer sacerdote”. Isso porque, durante as sessões curativas - corriqueiras “mesmo nos centros mais civilizados, como as duas capitais [Belém e Manaus]” (p. 148) - a aplicação de medicamentos era acompanhada “com orações do ritual católico (...) dançando ao som do maracá, cujo uso guardam, ao redor do enfermo crente e esperançoso de que esse instrumento, essa dança e essas misteriosas palavras, murmuradas por ele o hão de salvar” (p.149).

As práticas de reza e uso de medicamentos já remonta os ancestrais indígenas, relatados em 1881 por Luiz Veríssimo, que com seus estudos aponta que a pajelança na Amazônia é vista a partir de um modelo indígena, apagando os registros de cura das religiões de matriz africana, como também práticas populares de cura da região.

Satiro, o pajé negro, recontado por ALVARENGA, restitui para pajelança amazônica os traços africanos de religiosidade popular, o *babassuê*, amalgamando os conhecimentos

7 Filme Parteiras da Amazônia - https://www.youtube.com/watch?v=XPq-ansmyEE&list=PLwIAjm1BJV5NH_fc9GB-Q6EdLDzx6B9kDT&index=3

8 VAZ, Flôrencia. Org. Pajés, Benzedores, Puxadores e Parteiras: os imprescindíveis sacerdotes do povo na Amazônia, p.19.

de cura que chegaram até as mulheres partejadoras.

Os aprendizados de cura também se fazem nesse mundo do encante:

“Dona Maria, 73 anos, curadora desde os 13 anos, migrante da região do Andirá85, e moradora do bairro Santa Rita, também explica que a capacidade de curar teve início depois do primeiro contato com um desses bichos: “Minha mãe conta que tava, a modo, (aparentemente) num delírio, falando com um Gavião, mas eu tava era lá no encante com ele que foi crescendo comigo, em sonho e me ensinando tudo que eu sei.”⁹

Passam, também estas mulheres a trabalhar no mundo do encantado:

“Dona Matica, era uma parteira muito boa, pra todo lado iam buscar ela pra partejar as mulheres. Ela morava sozinha. Tinha morador dum lado e do outro, e tinha a casa do filho dela bem pertinho, mas ela morava sozinha na casa dela.

Quando foi uma noite, ela escutou zoadada de remo na beira da canoa: “vrou, vrou” [barulho da canoa]. Aí, ela ficou escutando. Ela sentiu que parou no porto da casa dela. Ela ouviu aquele homem chamar ela: “Dona Matica! Dona Matica!”

Na terceira vez, ela respondeu, aí ela abriu a janela, foi olhar o homem que tava chamando ela, falando pra ela ir partejar a mulher dele que ela tava com dor pra ter filho. Ela perguntou pra ele quem ele era, ele disse o nome, mas ela não entendeu muito bem; e pra onde era o lugar, também ele falou, mas ela não entendeu bem o que ele disse. Ela não tava querendo ir porque era tarde da noite — era umas 11 horas mais ou menos —, mas ela foi, e não disse nada pro filho.

Quando ela disse que ela ia, ele baixou primeiro que ela. Depois ela foi atrás; se arrumou e foi. Ela chegou lá na beira, tinha dois homens na popa da canoa, atrás, e esse que foi em terra chamar ela já tava sentado lá na proa, tudo de chapéu na cabeça. E o banco tava limpo lá pra ela sentar. Quando ela chegou lá ela percebeu que a canoa era feia e o remo também era feio, mas ela foi. Aí, eles remaram muito e pararam; ela não viu casa nenhuma lá onde eles pararam. E aí, ele disse pra ela: “Feche seu olho!”, ela fechou. Com um pouco, ele disse: “Abra seu olho!” Quando ela abriu o olho dela, ela já tava numa casa muito bonita, tudo que tinha lá era ouro, de peixe, pendurado pela parede. Ele brilhava e ficava claro, parece lâmpada. E aí, ela ficou cismando que aquilo só podia ser encante de boto.

Ele levou ela pra mulher que tava esperando filho. Era uma cama muito bonita, grande, e ela começou a puxar na barriga dela.

Ela levava os remédios dela pra fazer os negócios dos trabalhos nas mulheres, e começou a puxar na barriga dela, e aí a mulher disse: “Puxe a minha costa aí, dona Matica”.

Ela disse: “Então, vira de lado.” Ela foi puxando, puxando na costa dela, e achou um arpão de pescador afincado na costa dela. Mas era uma mulher grande e loura, com um pano embrulhado na cabeça. E ela disse: “Mas olha o que tá doendo na sua costa! É isso aqui que tá afincado na sua costa.” Ela disse: “Então, tire!”.

⁹ CORDEIRO, Maria Audirene. A canoa da cura ninguém nunca rema só: o se ingerar e os processos de adoecer e cura em Parintins (AM). 2017, p. 116.

Aí, foi pelejando. Quando ela amolecia, a mulher se torcia de dor.

Daqui, dali, ela deu um puxão com força que arrancou com um pedaço de carne com o arpão. Aí, ela cismou mesmo que aquilo não era gente, era boto, e ela mostrou pra mulher o que tava doendo na costa dela.

Deixou lá e foi puxar na barriga da mulher pro filho nascer, mas era mulher, naquela hora era gente, e nasceu o filho. A criança era normal, era fêmea. E o homem daqui, ali, tava passeando por lá, esse que foi em terra chamar ela.

Ela ajeitou tudinho por lá e disse: “Olhe, o senhor já pode me levar, que já tá tudo ajeitado. Já nasceu a criança e todos dois tão bem.” E aí ele perguntou: “Quanto é que custa o seu trabalho?”.

Ela disse: “Olha, meu senhor, eu não cobro nada. Quando eu vou por aí eles me dão o que eles querem, eu não cobro.” Ele saiu assim pra um escondido e veio de lá com um dinheiro, ela viu que era dinheiro naquela hora, ela não reparou quanto era, só fez meter no bolso e “vumbora, vumbora!”.

Na hora de sair ele disse pra ela: “Fecha teu olho!” Ela fechou. Com pouco, ele disse: “Abra teu olho!” Quando ela abriu o olho dela, ela já estava dentro da canoa de novo, os dois atrás, ele lá na frente e o banco no meio pra ela sentar. Aí, remaram, remaram. Pelo tempo que ela calculou já era bem uma da madrugada mais ou menos. Eles não falavam nada.

Quando chegou, ela saiu, eles voltaram. Ela subiu. Aí, foi tomar um banho, mudar a roupa. Deitou na rede, nem dormiu mais, só pensando na viagem, pra onde ela foi, o que ela viu. Nisso, amanheceu o dia. Quando ela foi ver o dinheiro que ele tinha dado, não era dinheiro, era só folha seca de pau. Ela foi contar pro filho pra onde ela tinha ido e o que ela tinha visto. O filho ralhou com ela, e ela disse: “Mas se tudo por aí eu vou, eu não queria ir, mas eu fui”.¹⁰

A Organização Mundial da Saúde, desenvolveu uma lista de verificação de segurança nos partos¹¹ tendo em vista que em 130 milhões de partos no mundo se verificou cerca 300.000 mortes de parturientes e 2,6 milhões de nados-mortos, ainda outros 2,7 milhões de recém-nascidos morrem até 28 dias de vida. Propões políticas a serem desenvolvidas pelos países com o fim de desenvolver políticas públicas que combatam esses resultados mortes.

As parteiras do estado do Amapá, protagonizaram este episódio de intervenção nos atos de partear e passaram a receber capacitação com o fim de higienizar suas práticas.

Em 1996, o UNICEF reconhece a atividade das parteiras, como prática que deve ser valorizada. É desenvolvido o *kit parteira* e a *bolsa parteira*.

A Rede de Humanização do Parto e do Nascimento – REHUNA passou a desenvolver uma série de atividades que em linhas gerais, poder-se-ia dizer que esse movimento de humanização propõe mudanças no modelo de atendimento ao parto hospitalar/medicalizado no Brasil, tendo como base consensual a proposta da Organização Mundial de Saúde (OMS) de 1985, e também a inclusão de parteiras leigas/tradicionais no sistema de saúde nas regiões nas quais a rede hospitalar não se faz presente. Assim, as parteiras ressurgem

10 Idem. P. 109-112.

11 https://www.who.int/patientsafety/implementation/checklists/childbirth_portuguese/en/

para esse sistema de saúde e principalmente para o modelo biomédico como práticas “alternativas”. Nesse contexto de participação efetiva em programas de capacitação, as parteiras são reconhecidas como as primeiras humanizadoras do parto e do nascimento (BARROSO e PAIVA, p. 315).

As propostas de valorização da tarefa das parteiras, dão-se através dos mecanismos de Estado e das organizações sociais que efetivam políticas públicas em uma relação sem qualquer assimetria, colocando em confronto os saberes tradicionais diante da inovadora proposta segura de partejar, com o fim de garantir partos que não resultem tantas mortes a mães e crianças no momento do parto ou ainda em poucos dias, posteriores ao nascimento.

BARROSO e PAIVA apontam que o Programa Trabalhando com Parteiras (BRASIL, 2012) está pautado num discurso em que o compartimento de saberes e a instrumentalização das parteiras no uso de objetos e tecnologias biomédicas é efetivado para apoiar as atividades de partejar. Percebe-se que isso se constitui como um modo de intervenção na assistência ao parto domiciliar e pode levar à incorporação de outros saberes médicos pelas parteiras tradicionais, associados aos modos tradicionais de cuidar de mulheres na gestação e no parto domiciliar.¹²

Nas capacitações realizadas, começou-se a observar relatos de parteiras como Sol:

“Nós vivemos muito tempo na clandestinidade, nós não era organizada porque nosso trabalho era mal visto, chamavam a gente de bruxa e nós tinha medo de ser presa. Quando veio o primeiro convite pra irmos no Palácio do Governo, muitas parteiras não vieram porque tinha policial: elas pensavam que iam ser presas. Nós que viemos pra primeira reunião, só deu 62 parteiras, e foi explicado pra gente não ter medo, porque iam ser feitos cursos de capacitação, pra resgatar nossa cultura, e usar material certo pra fazer parto e cuidar dos bebês. E a partir daí fomos criando uma perspectiva de vida, de melhorar nosso trabalho.”¹³

Considerar as práticas de cura como bruxarias deslegitima a atividade da parteira. Porém, o que se verifica na higienização dos atos de partejar é uma submissão e desnaturalização dos saberes ancestrais da floresta diante da incapacidade do Estado de estabelecer em regiões como a Amazônica, equipamentos públicos de saúde que atendam a população a partir dos protocolos da política pública.

As parteiras estão nas florestas e nos rios da Amazônia e sua linguagem é expressa na simplicidade das suas relações comunitárias. Note-se:

“Foi difícil pra mim, índia, entender o que as mulher branca falava. Mas como elas usam muitos gestos e riscam papel, mostram nos quadro. Eu consegui com ajuda das outras parteiras, consegui entender o curso. Ganho o material de parto. Uso e também uso o que aprendi aqui na aldeia (Areia, Aldeia do Manga/Oiapoque-AP).”¹⁴

12 BARROSO, Iraci e PAIVA, Antonio. Parteiras tradicionais da Amazônia amapaense: capacitação, incorporação de saber e resistência cultural. Revista de Ciências Sociais. Fortaleza, v. 50, n. 1, mar./jun., 2019, p. 316.

13 Idem. p. 322.

14 Idem. p. 328

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As batalhas noturnas denunciadas por Carlo Ginzburg em *Andarilhos do Bem*, remontam as mesmas lutas das mulheres parteiras do norte do Brasil.

Mas há um sinal de resistência no sentido de preservar os ritos de limpeza e cura que se fazem antes das crianças nascerem como o uso de bacia *virgem* (nunca usada) e que foi reservada para colocar o banho, *curado* pelo sereno da noite e pelos primeiros raios do sol da manhã. O Ritual de limpeza e proteção do enxoval fora realizado pelas três gerações de mulheres da família. Gêge lavava delicadamente cada peça com sabão em barra para tirar a *goma* da confecção, Jeane as mergulhava e as esfregava em três águas limpas, para tirar bem o sabão; e dona Esmeraldina imergia peça por peça na bacia com o *banho de cura, espremia* (torsia) bem e devolvia para a neta *estender no sol*, ou seja dispor no varal para secar (CORDEIRO, p. 152)

Os cuidados com o corpo interferem inclusive na alimentação da parturiente que sempre esteve entre as preocupações da parteira, pois o que ela comesse poderia lhe prejudicar no seu processo de cura, pois os alimentos, para o povo da floresta tem função e à medida que este conhecimento tradicional é contestado pelo conhecimento biomédico, se introduz no seio da comunidade o apagamento das práticas:

“Isso é coisa de gente do interiô, a enfermeira me falô que com 15 dias já posso fazê tudo e que essas coisas de remoso (reimoso) não existe. Ela só me pediu para evitá transá, né? porque a gente tá toda fede e machucada por dentro, mas esse negócio de banho de asseio que eu faria se quisesse, porque não prejudica, nem ajuda.”

Mas ainda há resistência apesar desse processo que queima dos saberes ancestrais: “Mas aqui em casa me vigiam direto, e vô tê de cumpri de qualqué jeito, né? (Cristiane, 16 anos, 18/06/2015)”

Essa resistência é um gesto de sobreviver diante do próprio abandono imposto pelo Estado a essas populações ribeirinhas.

As medidas de higienização dos partos, na perspectiva de trazer a lume o labor das parteiras e ainda a valorização de sua atividade demonstra não propriamente uma preocupação com a preservação do saber local, mas uma ineficiência em construir nestes locais, equipamentos públicos que cumpram os protocolos de saúde pública que este mesmo Estado tem obrigação constitucional de realizar.

Ao lançar mão do conhecimento das mulheres partejadoras das florestas e das águas, provoca questionamentos em seus fazeres e incide diretamente em suas práticas, tornando mão de obra barata a serviço da política pública de saúde. Sim, barata, pois a bolsa parteira que grande processo de mudança socioeconômica trouxe a estas mulheres?

O Santo Ofício dessas mulheres se consolidou na proposta de higienização de suas práticas de parto, utilizando-se por fundamento a valorização da parteira tradicional.

REFERÊNCIAS

ACKER, Justina Inês Brunetto Verruck; ANNONI, Fabrina; CARRENO, Ioná; HAHN, Giselda Veronice; MEDEIROS, Cássia Regina Gotler. **As parteiras e o cuidado com o nascimento**. Revista Brasileira de Enfermagem, 2006, Set-out; 59(5): 647-651

BARROSO, Iraci e PAIVA, Antonio. **Parteiras tradicionais da Amazônia amapaense: capacitação, incorporação de saber e resistência cultural**. Revista de Ciências Sociais. Fortaleza, v.50, n. 1, mar./jun., 2019, p. 313 – 361.

BRENES, Anayansi Correa. **História da parturição no Brasil, Século XIX**. Cadernos de Saúde Pública Pública, RJ 7 (2): 135-149, abr/jun, 1991.

CORDEIRO, Maria Audirene. **Pajelança e Babassuê: as faces do Xamanismo amazônico no final do século XIX**. Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN.

CORDEIRO, Maria Audirene. **A canoa da cura ninguém nunca rema só: o se ingerar e os processos de adoecer e cura em Parintins (AM)**. 2017. Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Doutora em Antropologia Social.

Filme Mensageiras da Luz - <https://www.youtube.com/watch?v=MXh9Fj1rYwM>.

Filme Parteiras da Amazônia – https://www.who.int/patientsafety/implementation/checklists/childbirth_portuguese/en/

FLEISCHER, Soraya. **Parteiras, buchudas e aperreios: Uma etnografia do atendimento obstétrico não oficial em Melgaço, Pará**. Santa Cruz do Sul/Belém: Editora da Universidade de Santa Cruz do Sul/Paka-Tatu, 2011.

GUINZBURG, Carlo. **Andarilhos do bem: feitiçaria e cultos agrários nos sec. XVI e XVII**, São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GUINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**, São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GUINZBURG, Carlo. **História Noturna: Definindo o Sabá**, São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HAURADOU Gladson Rosas; OLIVEIRA, Simone Eneida Baçal de. **Práticas de cura popular na Amazônia: um ensaio a partir do conceito de Habitus em Pierre Bourdie**. Revista eletrônica Mutações, jul-dez, 2017.

LUCIANO, Gersm dos Santos. **O Que Você Precisa Saber Sobre os Povos Indígenas No Brasil de Hoje**. Coleção: Educação para todos. Edições: MEC – Unesco - Brasília, 2006. Disponível em <unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154565por.pdf>. Acesso: 2020.

MATIAS, Rafaela Barbosa Carvalho. **MULHERES MÁGICAS DO BRASIL COLÔNIA: CORPOS PERSEGUIDOS E DOMINADOS**.

NASCIMENTO, Raysa Martins do. **Mãos mágicas: a prática do partejar a partir da experiência de parteiras tradicionais de Santana – AP**/Raysa Martins do Nascimento. – 2018.

SILVA, Paulo Kleber Borges da. **Saberes e Poderes- A expressividade das benzedeiras Remanscentes em Jaci-Paraná/RO**. Simpósio Linguagens e Identidades na/da Amazônia Sul-Occidental. Universidade de Rondônia. 2016.

VAZ FILHO, Florêncio Almeida. Org. **Pajés, Benzedores, Puxadores e Parteiras: os imprescindíveis sacerdotes do povo na Amazônia**, Ufopa, 2016.

PARANÁ/RO

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acesso à Justiça 38, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 54, 56, 57, 58, 102, 105, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178

C

Cárcere 170, 171, 175, 176

Ciência 24, 42, 58, 125, 134, 138

Constitucionalismo Latino-Americano 26, 27, 31, 32, 39, 40, 41, 42

Cota Racial 107, 108, 111, 113

Crime 55, 72, 134, 135, 137, 138, 143, 145, 147, 148, 153, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169

Criminologia 134, 135, 137, 138, 139

Culpabilidade 134, 135, 136, 137, 138

D

Déficit Democrático 14, 16, 18, 23

Democracia 1, 2, 3, 4, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 32, 40, 41, 61, 63, 64, 67, 91, 92, 94, 103, 141, 150, 153, 155, 178

Desigualdade 34, 80, 81, 82, 84, 93, 94, 97, 100, 117, 138

Direito 10, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 17, 26, 29, 32, 33, 34, 36, 37, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 76, 77, 78, 79, 85, 86, 91, 92, 93, 94, 96, 100, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 113, 114, 115, 118, 138, 140, 141, 143, 144, 146, 147, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 179, 181, 183, 188, 189, 190, 191, 192

Direito Constitucional 26, 42, 46, 57, 58, 59, 60, 61, 69, 155, 192

Direito Penal 138, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169

Direitos Humanos 1, 2, 3, 4, 9, 10, 11, 12, 13, 21, 32, 36, 38, 41, 44, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 93, 100, 102, 106, 172, 173, 174, 178, 192

Direitos Sociais 4, 36, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 159

J

Justiça 6, 8, 16, 23, 38, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 63, 65, 71, 79, 91, 97, 98, 99, 102, 104, 105, 106, 110, 118, 138, 141, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 155, 159, 164, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 189, 190

L

Liberdade Religiosa 61, 62, 63, 65, 66

Livre Concorrência 68, 69, 71, 73, 76, 77, 79, 160

M

Mediação Judicial 179, 180, 182, 189, 190

Mulheres 3, 11, 52, 56, 109, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 130, 131, 132, 183, 188, 189

P

Políticas Públicas 46, 50, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 109, 110, 112, 117, 120, 123, 129, 130, 192

S

Sonegação Fiscal 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169

T

Tribunal do Júri 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 156

DIREITO:



Uma autêntica e genuína
ciência autônoma

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora
Ano 2021

DIREITO:



Uma autêntica e genuína
ciência autônoma

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021